

## **AS INTER-RELAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)**

### **THE INTER-RELATIONSHIPS OF BODY MOVEMENT CULTURE AND THE COMMON NATIONAL CURRICULAR BASE (BNCC)**

**Nivaldo de Jesus Silva Soares Junior\***

**Alanne Karyne Oliveira Costa\*\***

**Naiane Freire Rocha\*\*\***

**Lilian Fernanda Pereira Cavalcante\*\*\*\***

#### **RESUMO**

Introdução: Os seres humanos desde a sua origem produziram cultura em todos os seus processos cotidianos. Desde a busca em suprir suas fragilidades, eles produziam cultura e uma diversidade de conhecimento que foram ressignificados e denominados de cultura corporal de movimento. A BNCC surge como um documento normativo e propositivo, buscando contribuir para a prática pedagógica do professor e atendendo à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) na busca de uma base comum curricular, respeitando as especificidades regionais e culturais. Nesse sentido, buscou-se estabelecer qual a relação entre a cultura corporal de movimento e a BNCC. Inter-relações da cultura corporal de movimento e a BNCC: esse diálogo da BNCC com a cultura corporal de movimento se dá, na medida em que para se alcançar esse pleno desenvolvimento do aluno como é objetivado pela BNCC, devemos fazer uso das mais variadas formas de linguagem, entre elas a linguagem corporal, representada pela cultura corporal de movimento. Conclusão: a busca de adequar essas práticas ultrapassadas de não atribuir a autenticidade ao aluno, atribuindo-lhe o devido protagonismo nesse processo de ensino-aprendizagem, faz com que a BNCC se utilize as mais diversas formas de linguagem, entre elas a corporal, utilizada pelo componente curricular de Educação Física com seu campo de conhecimento de cultura corporal de movimento, tornando esse aluno consciente de seu lugar na sociedade e aonde quer chegar, crítico e reflexivo de todas suas ações, adaptado à todos os processos culturais de um país plural, uma base comum de autonomia e cidadania.

Palavras-chave: Cultura corporal. Base nacional comum curricular. Educação Física.

#### **ABSTRACT**

Introduction: Human beings since their origin have produced culture in all their daily processes. Since the search to supply their weaknesses, they have produced culture and a diversity of knowledge that have been reframed and called body culture of movement. The BNCC emerges as a normative and propositive document, seeking to contribute to the pedagogical practice of the teacher and in compliance with the Law of Guidelines and Bases (LDB) in the search for a common curriculum basis, respecting regional and cultural specificities. In this sense, we sought to establish which is the relationship between body culture of movement and BNCC. Interrelationships

---

\* Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Especialista em Fisiologia do Exercício com Aprofundamento em Grupos Especiais pela Universidade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro (UVA-RJ), Mestre em Saúde do Adulto e da Criança (UFMA), Doutorando em Biotecnologia (UFMA), Membro pesquisador do Laboratório de Adaptações Cardiovasculares ao Exercício (LACORE-UFMA) e Professor do Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). E-mail: nivaldosoaresjr@gmail.com

\*\* Nutricionista graduada pela Faculdade Estácio São Luís, Residente em Terapia Intensiva (HU-UFMA) e Pós-graduanda em Nutrição Clínica e Funcional. E-mail: alanneoliviera51@hotmail.com

\*\*\* Nutricionista graduada pela Faculdade Estácio São Luís e Pós-graduanda em Nutrição Clínica e Funcional pela Faculdade Laboro em São Luís. E-mail: naianegmae@gmail.com

\*\*\*\* Nutricionista graduada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Mestre em Saúde Coletiva – UFMA, Nutricionista Intensivista (Residência em Terapia Intensiva - HUUFMA), Especialista em Nutrição Clínica e Funcional e Especialista em Nutrição Esportiva. Docente do Instituto Florence de Ensino Superior, Docente do Instituto de Ensino Superior Franciscano, Preceptora de Estágio de Nutrição Clínica da Faculdade Estácio, Membro do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Dr. Carlos Macieira (CEP- HCM). E-mail: liliancavalcante03@gmail.com

of body culture of movement and BNCC: this dialogue between BNCC and body culture of movement takes place, insofar as in order to achieve this full development of the student as it is objectified by BNCC, we must make use of the most varied ways of language, including body language, represented by the body culture of movement. **Conclusion:** the search to adapt these outdated practices of not attributing autonomy to the student, giving him the due role in this teaching-learning process, makes BNCC use the most diverse forms of language, including the body language, used the curriculum component of Physical Education with its field of knowledge of body culture of movement, making this student aware of his place in society and where he wants to go, critical and reflective of all his actions, adapted to all the cultural processes of a plural country, a common basis of autonomy and citizenship.

Keywords: Body culture. BNCC. Physical education.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade enquanto forma de organização indivíduos, admite a criação de leis que regem o caminhar social, na busca de igualdades de direitos e deveres ao bem coletivo, este movimento que designamos de política, influenciado por fatores econômicos, culturais, históricos e de poder, também é encontrado na educação, que vão direcionar e planejar a educação pública e de qualidade, que depende de políticas educacionais que lhes favoreçam na construção da autonomia, na inclusão e no respeito à diversidade. (APPLE, 2000; GIROUX, 1999; OLIVEIRA, 1995; SAVIANI, 1987; 2002).

A existência da educação se firma no inacabamento do ser humano que está no mundo, com o mundo e com os outros, para se humanizar, para ele encharcar de sentido o processo de conhecimento. A realidade precisa ser pesquisada, desvelada, para ser transformada. A educação existe e se faz porque nascemos incompletos e somos educáveis, somos sujeitos políticos e pedagógicos. (BRANDÃO, 1985; FREIRE, 1983; GADOTTI, 1981).

Ao pensarmos em qual objeto de conhecimento trata a Educação Física, nos deparamos com um conhecimento e uma especificidade mutável. Afinal de contas, o surgimento da Educação Física se confunde com o surgimento dos exercícios físicos, que por si só, também se confundem com a história do próprio homem, que também é envolta de cultura. Ao mesmo tempo, o campo de conhecimento vai no mesmo sentido dos interesses sociais e políticos vividos em determinados momentos históricos. (DARIDO; RANGEL, 2000).

No início da humanidade na terra, mesmo que sem o caráter de Educação Física propriamente dita, já se praticavam exercícios físicos com a função de sobrevivência. O homem precisava caçar para poder se alimentar, assim como para a sua família da mesma forma. O homem se diferenciou dos outros animais, a partir do momento em que ele precisou usar de estratégias para vencer os animais que se sobrepunham em força para com eles. Então, além do exercício físico, havia a adoção de estratégias para superar obstáculos. (DARIDO; RANGEL 2000).

Dessa forma, desde suas origens o ser humano produziu cultura. De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), a história da humanidade é uma história de cultura, na medida em que tudo o que o ser humano faz, está introduzido em um contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. (BRASIL, 1997).

A cultura corporal é uma produção humana, ou seja, uma atividade humana fruto do trabalho que, em respeito à historicidade, considera que todas essas atividades corporais do homem foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. (S. JÚNIOR *et al.* 2011; SOARES; TAFFAREL *et al.*, 1992).

Nesse ínterim, a cultura corporal ao longo do tempo, foi incorporada como conteúdo do componente curricular de Educação Física, sendo adotado numa perspectiva

inicialmente crítico-superadora, desafiando práticas enraizadas do tecnicismo de outrora. (SOARES; TAFFAREL *et al.*, 1992).

Nessa observância de uma atribuição verdadeiramente importante para a Educação Física, como forma de aprimorar sua cultura corporal de movimento, aonde dentro dessa perspectiva crítico-superadora, objetiva-se não a formação de um aluno puro e simples, mas de um cidadão autônomo e consciente de sua prática profissional. Nesse sentido de autonomia, a própria legislação brasileira sob forma do documento da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), compartilha do mesmo propósito, o qual é buscar a autenticidade do aluno independente da sua localização geográfica. (BRASIL, 2017).

Desta forma, buscamos analisar quais as interações entre a cultura corporal de movimento e a BNCC nesse processo de ensino e aprendizagem, mais precisamente na visão da Educação Física.

## 2 AS INTERRELAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A perspectiva de cultura corporal é explicada da seguinte forma por Micheli Escobar:

A “cultura corporal” é uma parte do homem. É configurada por um acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as relações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e as motivações do homem. O singular dessas atividades – sejam criativas ou imitativas – é que o seu produto não é material nem é separável do ato de sua produção; por esse motivo o homem lhe atribui um valor de uso particular. Dito de outra forma, as valoriza como atividade, em si mesma. Essas atividades são realizadas seguindo modelos socialmente elaborados, portadores de significados ideais atribuídos socialmente (ESCOBAR, 2009, p. 127-128).

Os seres humanos ao longo de sua história buscaram recursos para suprir suas fragilidades e insuficiências. Desenvolveram habilidades que os tornassem mais eficazes com relação à pesca, à caça, agricultura e aos domínios dos espaços físicos; por motivos religiosos ou simplesmente lúdicos. Surgiu daí, uma grande diversidade de conhecimento, os quais foram ressignificados e transformados ao longo do tempo, constituindo a cultura corporal de movimento. (SILVA, 2016; DARIDO; RANGEL, 2000).

Dentre essas habilidades, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas, que têm em comum a representação cultural com características lúdicas de diferentes culturas humanas. (DARIDO; RANGEL 2000).

Porém, nem sempre a Educação Física teve sua identidade e conteúdos bem definidos. Durante muitos anos, a Educação Física se mostrou mutável, alterando sua concepção de acordo com acontecimentos sócio-político-culturais apresentados em cada época. (GONÇALVES, 2006).

A Educação Física viveu uma época de concepção higienista (corpos saudáveis e higiênicos), sua prática era voltada para um corpo saudável e livre de doenças, um corpo perfeito e visando o nacionalismo; na concepção militarista (corpos saudáveis preparados para a guerra), objetivava o amor à pátria e a espera de uma guerra; na concepção esportivista (supervalorização do esporte) ocorreu logo após o regime militar e na copa do mundo de futebol de 1970, ao qual o Brasil se consagrou campeão, causando uma popularização do esporte,

juntamente com a necessidade que se havia naquela época de “vender” a imagem de uma potência nos esportes, acarretando no auge da política do pão e circo; dentre outras concepções. (DARIDO; RANGEL, 2000).

Ainda após o regime militar vivido no Brasil, período em que pouco se avançou em questões educacionais, diversos professores retornaram de seus estudos (especializações, mestrados e doutorados) fora do país, e em suas bagagens, diversas teorias e abordagens pedagógicas que imprimissem um caráter e uma identidade mais pedagógica para a Educação Física Escolar, que a legitimasse como integrante da proposta pedagógica da escola (DARIDO; RANGEL, 2000). Queriam incentivar e priorizar o caráter pedagógico desse componente curricular, fazendo com que o professor de Educação Física tivesse participação efetiva no processo pedagógico de ensino e aprendizagem. (DARIDO; RANGEL 2000).

Dentre essas novas pedagogias da época, muitas são utilizadas até hoje, devido a sua enorme importância e relevância no ensino da Educação Física. Além disso, foram trazidas as teorias da Psicomotricidade, Construtivista-interacionista, Desenvolvimentista, Crítico-superadora, Crítico-emancipatória, Promoção da saúde, entre outras. (SOARES; TAFFAREL *et al.*, 1992).

A Psicomotricidade que valorizava o desenvolvimento motor da criança, incorporando a educação pelo movimento, trabalhando os aspectos cognitivos, afetivos e motores como a lateralidade, coordenação, equilíbrio, etc.; e cada uma das demais teorias ou abordagens pedagógicas, voltadas a determinada fase de desenvolvimento humano e buscando os mais diversos objetivos. (GONÇALVES, 2006).

Dentre as teorias e abordagens, destacou-se nesse aspecto da cultura corporal de movimento, a teoria Crítico-Superadora. Essa teoria, cuja principal obra chama-se “Metodologia do Ensino de Educação Física”, atribuíra um caráter mais crítico e reflexivo ao ensino da Educação Física, através do campo de conhecimento denominado de Cultura Corporal de Movimento, o qual fazem parte os conteúdos de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas. (SOARES, TAFFAREL *et al.* 1992; GONÇALVES, 2006).

Os jogos, as danças, os esportes, as lutas ou as ginásticas são criações que surgem da necessidade de perpetuar o seu criador, que morre, mas ao mesmo tempo consegue sobreviver por meio desses acervos, desafiando e vencendo a própria morte e os limites que a vida impõe. Essas criações são recriadas por meio de novas descobertas, de novas interpretações dos indivíduos e das sociedades e são transmitidas por gerações, por diferentes grupos e épocas. Elas possuem normas específicas e independentes, mas podem se alastrar pelas diversas sociedades, permitindo as trocas culturais. (MENDES; NÓBREGA, 2009, p. 5).

A cultura de movimento é compreendida como critério organizador do conhecimento da Educação Física. Diante da relevância desse conceito para a área, buscamos ampliar as reflexões no que se refere às relações entre corpo, natureza e cultura, por meio de aproximações epistemológicas entre estudos que problematizam as oposições inconciliáveis na leitura desses fenômenos. (MENDES; NÓBREGA, 2009).

É preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro puro poder de expressar para além das coisas já ditas ou vistas. [...]. Experiência estética como dimensão do sensível. O que fundamenta a experiência estética, é a comunicação dos sentidos. (NÓBREGA, 2010, p. 89).

Portanto, depois de passarmos pelas diversas metamorfoses pelas quais atravessamos os campos de conhecimento e as especificidades da Educação Física, chegamos ao seu atual campo de conhecimento, e que de certa forma, legitimou a presença da disciplina na LDB como “integrada à proposta pedagógica da escola, e componente curricular obrigatório

[...]”, assim como na BNCC no campo de conhecimento de Linguagens, juntamente com Língua Portuguesa, Artes e Língua Inglesa. (SILVA, 2016).

O objeto de estudo da Educação Física é o fenômeno das práticas cuja conexão geral ou primigênia - essência do objeto e o nexos interno das suas propriedades -, determinante do seu conteúdo e estrutura de totalidade, é dada pela materialização em forma de atividades, sejam criativas ou imitativas, das relações múltiplas de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e outras, subordinadas a leis histórico-sociais. O geral dessas atividades é que são valorizadas em si mesmas; seu produto não material é inseparável do ato da sua produção e recebe do homem um valor de uso particular por atender aos seus sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros relacionados à sua realidade e às suas motivações. Elas se realizam com modelos socialmente elaborados que são portadores de significados ideais do mundo objetual, das suas propriedades, relações e nexos descobertos pela prática social conjunta (ESCOBAR; TAFFAREL, 1999, p. 173-174).

O conhecimento de que trata a Educação Física, por conseguinte, é denominado Cultura Corporal, e engloba os conteúdos de jogos e brincadeiras, esporte, dança, lutas e ginástica. O conteúdo é chamado de Cultura Corporal de Movimento e está inserido em linguagens, justamente devido a utilização do corpo e do movimento como forma de comunicação, e de expressão de sentimentos e da nossa cultura, ou seja, o corpo fala. (SILVA, 2016).

A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento... A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

[...] é responsabilidade da Educação Física tratar das práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, por meio da gestualidade e do patrimônio cultural da humanidade, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. (BRASIL, 2016, p. 99).

Assim como o campo da Educação Física se define como Cultura Corporal de Movimento, utilizando o corpo como linguagem, não se pode dissociar da corporeidade.

Nesses termos, a cultura corporal abrange o amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente, subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal (ESCOBAR, 1999). Em síntese, a cultura corporal pode ser compreendida como o objeto de estudo que abarca o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, constituindo-se em um vasto campo de expressões corporais e de significativas formas de movimento humano, exteriorizadas pela expressão corporal, que se manifestam através dos jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólicas de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e cultural e socialmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38; SILVA, 2012).

Falar de corporeidade consiste em uma tarefa complexa, pois é falar de um conceito abstrato, é perceber no mover dos corpos, muito mais do que o movimento que pode ser descrito na linguagem matemática, mas desvendando-lhes intenções e sentidos. (SANTIN, 2003).

Compreender o corpo então, somente é possível a partir das suas experiências e vivências estabelecidas nas relações consigo, com os outros e com o mundo, e a esta capacidade

de cada pessoa, sentir e apossar-se do seu próprio corpo como meio de manifestação e interação com o mundo, chamamos de corporeidade. (S. JÚNIOR, 2011).

A ideia de corpo-próprio, fundamento da corporeidade, permite a compreensão de uma realidade intencional do sujeito, o que se contrapõe à lógica do corpo-máquina ou corpo-objeto, a fim de superar a concepção que coloca o corpo como inferior ao racional, uma vez que há sentido nessa intencionalidade, não apenas enquanto significação, mas sentidos mais amplos que nos ligam a nossa condição ontológica como um todo. Assim, a corporeidade não se circunscreve ao conhecimento biológico, a processos fisiológicos apenas, mas abrange sentidos, um conhecimento encarnado, existencializado. (NÓBREGA, 2010).

Acontece no entanto, que quase sempre acabamos tendo somente este ou aquele corpo, ou vivenciando a corporeidade conforme as “necessidades” de uma determinada época. (ASSMANN, 1993).

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2017, p. 213).

Em se tratando do âmbito escolar, do qual a corporalidade se faz presente, especificamente na disciplina de Educação Física, também se observou essa mudança histórica de concepção de acordo com o momento político, social e cultural vivido.

Assim, vale destacar que a Educação Física é um componente curricular cuja responsabilidade é “tratar das práticas corporais na escola como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório, assegurando aos/às estudantes a construção de um conjunto de conhecimentos necessários à formação plena do cidadão. (BRANDÃO, 1985).

Portanto, avaliar o sentido de corporeidade na Educação Física Escolar constitui-se uma procura por uma “educação corporal” onde se torne possível romper com essa dualidade corpo/mente, e trabalhar o corpo em sua integralidade através de diversificadas práticas corporais e uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

Pensar então o termo corporeidade, requer um questionamento constante quanto às verdades que foram sendo construídas e que acabaram arquitetando o que hoje compreendemos por humano, por corpo. No entanto, rompendo com esses conceitos enraizados e absorvidos por nós como forma de aceitação nos grupos sociais, observamos que vai muito além do que seguir o que todo mundo faz. É saber olhar as expressões e desejos deste corpo e do corpo ao lado; é olhar sensivelmente o corpo na busca da consciência corporal e não na sua disciplina e normatização. Devemos habitar este corpo e sentir suas necessidades, seus anseios, seus sonhos, ou seja, aceitá-lo. (MERLEAU-PONTY; 1994).

A Educação Física Escolar, em conjunto com uma concepção educacional, veem a formação da criança e do jovem como uma educação integral, ou seja, o desenvolvimento da personalidade do aluno como ser crítico e conhecedor das mais diversas formas de comunicação. (BETTI; ZULIANI, 2002).

Não queremos o aluno mais veloz, mais ágil, mais.... Não, não se trata disso, nós queremos que a partir da cultura corporal, a partir do específico da Educação Física, o aluno compreenda as relações sociais em que está inserido, conheça práticas corporais e possa não só ser um praticante, mas também um espectador crítico. O conhecimento da Educação Física escolar para o "Metodologia de ensino" deveria

contribuir para que se modifique, para que se transforme essa compreensão do corpo como um objeto de conhecimento do campo das ciências biológicas, mas sim corpo e gesto como objetos do estudo histórico, sociológico, antropológico, pedagógico e artístico. (S. JÚNIOR *et al.*, 2011).

Essa aceitação, passa para os alunos como uma forma de não exclusão por qualquer aspecto em uma aula de Educação Física. Determinando dessa forma, a importância primordial da corporeidade e da própria cultura corporal de movimento na práxis da Educação Física Escolar. Na medida em que cada corpo expressa a sua história acumulada de uma cultura ou sociedade, registrando convenções e hábitos que devem ser respeitados e são elementos constituintes da vida social.

Dessa forma, se faz a pergunta: o que então seria significativa na Educação Física Escolar que a fizesse romper com práticas pedagógicas estabelecidas no âmbito da corporeidade para uma perspectiva da cultura corporal do movimento?

Ora, partindo do princípio de que as possibilidades corporais são inúmeras, e sequer conhecemos uma centena de variações dentre os dois mil movimentos que o ser humano é capaz. De certo que ainda criança, adquirimos um repertório mínimo de movimentos e práticas corporais e passamos, muitas vezes, a não mais pensarmos, questionarmos ou criticarmos o que foi aprendido, passando a simplesmente repetir o até então ensinado.

Como sabemos através da nossa história acerca da bagagem cultural herdada dos índios e negros no nosso país, se faz presente nesse contexto aonde o corpo fala, e sempre falou, seja através dos rituais, das danças expressivas, da capoeira, seja da expressão através dos jogos e brincadeiras, onde a criança aprende brincando.

Trata-se, portanto, de localizar cada uma dessas manifestações (jogos, danças, lutas, esporte e ginástica), analisar seus benefícios fisiológicos e psicológicos, e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura, e formular a partir daí, as propostas para a Educação Física Escolar. (BRASIL, 1997).

Em educação física, tentamos facilitar o processo de organização espacial tornando mais ricas estas “experiências vividas”, tanto em quantidade como em qualidade. O objetivo é evidente: quando nos movemos, nossa ação motora ocupa obrigatoriamente um espaço; nossos movimentos serão tanto mais eficazes quanto melhor for a organização que tivermos desse espaço. Não é difícil encontrar exemplos no que diz respeito as atividades físicas: as acrobacias, as atividades de ginástica desportiva requerem uma boa organização de nosso espaço corporal; nos jogos coletivos, nos esportes de equipe, estão comprometidos aspectos da organização espacial, como a própria orientação à bola, a previsão de trajetórias tanto da bola como do oponente, etc.; as atividades na natureza põem constantemente em jogo a capacidade de orientação, etc. (LLEIXA, 2002, p. 72).

Todo esse vasto conhecimento de que trata a Educação Física Escolar, deve ser feito de forma espiralada, e não compartimentalizada, buscando a ampliação da forma de pensar e construir a realidade, principalmente na forma de construção de um pensamento crítico e reflexivo. (SOARES, 1992).

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma

autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2018, p. 209).

Além disso, o conhecimento de que trata a Educação Física deve ser trabalhado nas três dimensões do conteúdo (atitudinal, procedimental e conceitual). Na dimensão conceitual se estimula o “por que fazer”, o conceito do que se está fazendo e para que se está fazendo, atribuindo dessa forma, significado para as ações; a dimensão procedimental, é a parte prática a ser trabalhada, o “saber fazer”, que já é extremamente executado nas aulas; e na dimensão atitudinal, que seria a concepção de direitos e deveres, de aceitação às diferenças e limites de cada um, ponto extremamente importante, num momento em que queremos formar acima de tudo cidadãos, que sejam autônomos e críticos de sua realidade. (DARIDO; RANGEL, 2000).

De certo que, hoje podemos afirmar que ao longo dos anos e mudanças sociais, políticas e culturais vividos, a Educação Física sempre esteve presente de alguma forma. Sempre buscando sua identidade, seu campo de conhecimento e sua especificidade.

Após inúmeros e constantes debates pedagógicos, culturais e políticos, a Cultura Corporal de Movimento se enraizou como verdadeiro conhecimento da Educação Física, onde por ela perpassam também, estimulados pelos PCNs, os temas que mais afligem nossa sociedade e que o componente de Educação Física exerce importância preponderante, que são conhecidos como Temas Transversais.

Temas como orientação sexual, ética, saúde, meio-ambiente, etc. Que são temas aonde na grande maioria das situações o Estado não consegue alcançar, e a Educação Física em sua especificidade atribuída somente a ela, poderá, dentro dos seus conteúdos, ser efetiva nesse processo, atribuindo uma identidade e importância da qual ela sempre lutou e almejou ser reconhecida. (BRASIL, 1997).

Nesse processo, de acordo com os PCNs, a Educação Física escolar deve dar oportunidade a todos os alunos para que desenvolvam as suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. (BRASIL, 1997).

Nesse âmbito, criou-se um documento de caráter normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de todas as modalidades da educação básica e em conformidade com o PNE (Plano Nacional de Educação), visando também a formação humana integral, justa, democrática e inclusiva, e todos esses aspectos perpassavam pelo conhecimento da sua cultura e sua cultura corporal de movimento. (BRASIL, 2017).

Esse documento chama-se BNCC, citado anteriormente, que em aspectos práticos, seu objetivo é que independente da localidade que esse aluno se encontra, o mesmo saia da educação básica com uma base comum de conhecimentos, que vão além de aspectos científicos, mas a formação de cidadãos autônomos, críticos e reflexivos da sua realidade, e que respeitem as mais variadas diversidades étnicas, culturais, de gênero, religiosas e dentre outro aspecto. (BRASIL, 2017).

A BNCC vem trazer de forma legítima a organização dos conteúdos, definindo com clareza os objetivos de aprendizagem, os quais os educandos devem ter o direito de aprender, independente da escola que frequente. Somos conscientes de que é preciso algo muito amplo para oportunizar uma educação de forma igualitária para todos, mas consideramos a BNCC um passo importante nesse sentido. (SENA, 2016, p. 233).

A própria LDB de 1996, determina que os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, devem ter uma base nacional comum, que deve ser complementada pelas características regionais e culturais de cada localidade. (BRASIL, 1996).

[...] o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em

relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendental e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 13-14).

Na Base, a Educação Física é considerada um componente curricular que permite a aprendizagem de práticas corporais entendidas como possibilidades expressivas dos sujeitos, e inseridas no âmbito da cultura. Dessa forma, compreende-se que, nas aulas de Educação Física, as práticas corporais devem garantir que os alunos ampliem sua consciência e tornem-se sujeitos autônomos para apropriarem-se e utilizar a cultura corporal de movimento para as finalidades humanas. (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, que emerge a BNCC e seu compromisso de ajudar na prática pedagógica do dia a dia do professor, atribuindo sugestões de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula na ideia da formação integral desse aluno. Reconhecendo que a educação básica deve visar a formação e o desenvolvimento global desse aluno, implicando a complexidade e não a linearidade desse desenvolvimento, evitando visões reducionistas que privilegiam ou os aspectos cognitivos ou os aspectos afetivos, mas sim, todos eles em sua integralidade. (BRASIL 2017).

As diferentes e multifacetadas expressões de cultura corporal devem ser trabalhadas nas escolas como conteúdo, sistematicamente e metodologicamente, respeitando e valorizando o contexto social no qual estão sendo desenvolvidos. Buscando assim verificar, analisar, discutir e encontrar soluções para os mais diversificados problemas, só assim se tornará possível o conhecimento contextualizado e transformador, na qual os professores vêm tentando realizar. (NUNES; COUTO, 2006).

[...] o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas, também, possibilitada por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que, enquanto cultura habita o mundo do simbólico. A naturalização do objeto da Educação Física, por outro lado, seja alocando-o no plano do biológico ou do psicológico, retira dele o caráter histórico e com isso sua marca social. Ora, o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se, sentido/significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano da cultura. (BRACHT, 2007, p. 45).

Ao se propor a formação desse aluno em sua integralidade, falamos acima de tudo, da sua cultura. Pois como falamos anteriormente, todo comportamento humano envolve cultura, desde a sua existência. Dessa forma, uma das maneiras do homem produzir, reproduzir e transformar sua cultura, é através da linguagem. A própria BNCC diz que as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais mediadas por diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora, dígita e dentre outros). (BRASIL, 2017).

Dessa forma, muitos se perguntam: como a BNCC consegue se relacionar com a cultura corporal de movimento?

Ora, a partir do momento em que dentro do documento, existe uma área denominada de Linguagens, a qual fazem parte os componentes curriculares de língua portuguesa, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física, e como vimos anteriormente, a Educação Física definindo seu campo de conhecimento como cultura corporal de movimento.

Essas interrelações se baseiam na medida em que a BNCC objetiva a formação não de um aluno, mas de um cidadão, e possa desenvolvê-la de maneira autônoma, através de pensamentos críticos e reflexivos, conhecedores de seus direitos e deveres, e utilizando as diversas formas de linguagem para se expressar, afinal, desde a mais tenra idade, a forma de comunicação mais comum é através do movimento.

[...] as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção [...]. Nas aulas, tais práticas devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade. (BRASIL, 2017, p. 171).

A educação física enriquece o aluno no âmbito cultural, englobando saberes corporais, experiências estéticas, emotivas e lúdicas, valorizando a subjetividade, a forma dos seres humanos se relacionarem com o mundo e com os outros sujeitos, fazendo-os protagonistas de suas ações, construindo valores e levando-os à compreensão crítica das práticas corporais.

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção. (BRASIL, 2017, p. 212).

E talvez os professores, e não somente os de Educação Física Escolar, mas as pessoas de um modo geral também, ainda não tenham compreendido que é mediante o corpo inteiro que captamos e conhecemos o mundo. (ASSMANN, 1993).

Para que os professores consigam transformar, aproximar ou questionar a sua prática em relação aos referenciais que os documentos apontam é indispensável uma reflexão sobre o cotidiano de trabalho e os objetivos propostos para a área naquela etapa da educação básica. Para este objetivo ser consolidado é necessária uma formação continuada dos professores, que pode ser realizada no próprio espaço escolar, contemplando a reflexão do Projeto Político Pedagógico da Escola, a troca de experiências e a própria discussão dos referenciais teóricos, na tentativa de avançar na organização e construção coletiva no cumprimento do papel da Educação Física na Escola. (PIETTO; SOUZA, 2020).

A construção de sentidos, construção de conhecimentos pelas crianças a partir da interação com crianças e adultos, com vistas a desenvolver a percepção, a emoção, a afetividade são exemplos de uma concepção neoconstrutivista de educação que enfatiza o aluno como protagonista no processo educacional e a aprendizagem focada na subjetividade do aluno e no “aprender a aprender”. (DUARTE, 2004).

Quando a linguagem corporal é reconhecida como modo de expressão e comunicação, o espaço pedagógico da Educação Física é o lócus de apropriação da variedade de formas pelas quais a cultura lúdica se expressa. Ou seja, as atividades pedagógicas precisam contribuir para alargar a compreensão que as crianças possuem acerca da realidade em que vivem e para abrir caminhos para uma participação mais intensa no mundo (MACEDO; NEIRA, 2017, p. 99).

O professor, e nesse caso falamos do de Educação Física Escolar, deveria e deve refletir sobre a realidade corporal e despertar no aluno o interesse de compreender seu sentir e seu relacionar-se na esfera das práticas e possibilidades corporais, num sentido de corporeidade reflexiva, crítica, criativa e significante.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na educação do corpo implica reconhecer os interesses diversos que estão envoltos numa determinada política educacional. No entanto, nessas circunstâncias, cabe aos profissionais da educação – professores, diretores, coordenadores –, que estão diretamente ligados ao cotidiano escolar, preencher as lacunas existentes contribuindo com o ensino e impactando a realidade desses alunos. É relevante, nesse contexto, posicionar-se sempre problematizando a flexibilidade e a autonomia que o professor terá em construir seu currículo.

É importante refletir, constantemente, sobre a importância da escola e sobre a (re)organização do trabalho pedagógico, tendo a prática social como ponto de partida e o ponto de chegada, cabendo ao professor possibilitar o compreensão, por parte dos alunos, sobre a realidade social por meio da transmissão/assimilação do conhecimento cientificamente elaborado, essenciais para a transformação dos indivíduos e da sociedade.

Cabe, portanto a esse mesmo professor, refletir sobre a sua prática pedagógica amparada na BNCC, sobre os diversos sentidos, incluindo-se o da cultura corporal, que circulam no ambiente escolar e o quanto a sua ação repercute perante os alunos. Pois a aprendizagem ocorre no momento em que as informações oferecidas pelo professor se confrontam com o conhecimento prévio do aluno, permitindo o surgimento de novas ideias. Pois o ato de ensinar deve estar voltado para a ação, tendo como alicerce a reflexão, uma vez que também não basta refletirmos sem agirmos.

De forma que se pode concluir, que esse diálogo com a BNCC, se mostra na medida em que a concepção da cultura corporal de movimento amplia a contribuição da Educação Física Escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todo o acesso a eles. Além disso, adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos.

### REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Ed. UNIMEP, 1993.
- APPLE, M. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BETTI, M; ZULIANI, L. R. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. I, n.1, p. 73-81, 2002.
- BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional comum curricular**. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2016. 2ª Proposta Preliminar.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Brasília 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física Na Escola: Implicações Para a Prática Pedagógica**. Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2000.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria de vigostskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ESCOBAR, M. Ortega. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. In: COLETIVO DE AUTORES. (Posfácio). **Metodologia do ensino de educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

ESCOBAR, M. Ortega; TAFFAREL, C. N. Z. A cultura corporal. In: HERMIDA, Jorge Fernando (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: EDUFPB, 2009. p. 173-174.

ESCOBAR, M. Ortega. Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física. **Revista Motrivivência**, ano XI, n. 13, nov. 1999.

FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Educação e Comunicação).

GIROUX, H. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GONÇALVES, N. L. G. **Metodologia do ensino da educação física**. Curitiba: Ibpex, 2006.  
S. JÚNIOR, M. *et al.* Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, 2011.

LLEIXA, T. A. **A Educação Física de 3 a 8 Anos**. 7. ed. Editora Artmed, 2002.

MACEDO, E. E. D.; NEIRA, M. G. A Educação Física na creche: tematizando as práticas corporais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-106, 2017.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: Reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Revista Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, p. 1-7, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de CAR Moura. São Paulo, 1994.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. *In*: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 13-14.

NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NUNES, T. C.; COUTO, Y. A. Educação física escolar e cultura corporal de movimento no processo educacional. I SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIFAC, 2007.

OLIVERIA, R. P. **Política Educacional: impasses e alternativas**. São Paulo: Cortez, 1995.

PIETTO, A.L.; SOUZA, M.S. O projeto de educação para a Educação Física escolar: um olhar para as políticas educacionais dos últimos vinte anos. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, SC, v.32, n 62, 2020.

SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. Campinas: Autores Associados, 1987

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Editora Unijuí, 2003.

SENA, Dianne Cristina Souza. A BNCC em discussão na Formação Continuada de professores de Educação Física: um relato de experiência. **Revista Motrivivência**, Natal, RN, v. 28, n. 49, 2016.

SILVA, M. R. Exercícios de ser criança: o corpo em movimento na Educação Infantil. *In*: ARROYO, M; SILVA, M. R. (Org.). **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, RJ: Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SILVA, R. N. da. **Educação Física Escolar e o conceito de cultura: primeiras aproximações**. 2016.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. Cortez Editora, 1992.